

## **Sobre a criação do tradutor: o indivíduo e o social**

**Filipe ALVES MACHADO**  
**Bolseiro da FCT**

### **Resumen:**

A tradução, especialmente a literária, foi sempre considerada uma actividade menor. A impossibilidade de ser totalmente fiel, trasladando um equivalente do original para a língua de destino constituiu um espécie de maldição, desvalorizando o ofício do tradutor. Com o surgimento da aldeia global e os progressos conseguidos nos estudos de tradução, a forma de encarar esta impossibilidade mudou. Não sendo possível repetir o texto na língua-alvo, existe todavia uma fidelidade a uma leitura da obra que acarreta obrigatoriamente como condição a existência de uma individualidade. Consequentemente, o tradutor, enquanto indivíduo, reproduz uma leitura, cuja escrita, cumulativamente não é indiferente nem isenta em relação à sua circunstância. Deste modo, não é humanamente possível o tradutor "outrar-se", isto é, ler e re-escrever apagando o seu contexto cultural, social e ideológico, pelo que o seu trabalho deverá ser entendido como de criação.

Assim chegamos ao objectivo do nosso trabalho: neste processo, há uma série de fluxos complexos, onde conceitos como "cultura", "ideologia" e "poder" protagonizam uma série de mecanismos. Será sobre esses termos que recairá a nossa atenção, relacionando-os com a especificidade do acto tradutor.